

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 8 ▪ n. 1 ▪ Julho | 2019

## O USO DO ANTIGO TESTAMENTO NO NOVO TESTAMENTO: UM ESTUDO DAS CITAÇÕES DE HABACUQUE 2:4

The use of the Old Testament in the New Testament: a study of Habacuk 2: 4 quotes

*Me. Carlos Alberto Bezerra<sup>1</sup>*

*Esp. Rafael Omar Nachabe<sup>2</sup>*

### RESUMO

A questão hermenêutico-teológica dos usos que o Novo Testamento faz do Antigo Testamento afigura-se como proeminente nos estudos das últimas décadas. Isso, por se levantar questões conectadas às doutrinas da inspiração, inerrância e história da salvação. Esse trabalho pretende trabalhar sob as categorias de meta-comentário e comentário. Tratando, em si, sobre a questão hermenêutica, e fazendo o comentário sobre um desses usos bíblicos. Aprecia-se o corpus textual de Habacuque 2:4, citado em Romanos 1:17, Gálatas 3:11 e Hebreus 10:38. Serão discutidos o contexto original e os contextos das citações respectivamente. Há como objetivo entender as principais escolas

<sup>1</sup> Mestrado em Teologia pela Faculdades Batista de Curitiba FABAPAR. Professor da graduação e pós-graduação em Teologia na Faculdade Batista do Cariri. E-mail: carlosabla 53@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduação em Teologia e Especialização em Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Cariri.

de interpretação: suas alegações, problemas e virtudes. Explicitando assim, a partir dos dados obtidos, uma proposta de metodologia para interpretação. Segue-se com o labor sobre o texto de Habacuque, e o estudo mais detalhado de cada ocorrência no NT. Consequentes conclusões generalizantes surgirão sobre o tema, procurando explicar os diferentes usos pelos autores neotestamentários, assim como, os problemas peculiares que surgem em cada um desses usos. A integração de eixos interpretativos, bem como, de conceitos, mostra a possibilidade da construção de uma metodologia interpretativa. A metáfora de declarações-grávidas será elencada como a maneira de enxergar tais movimentos textuais intertestamentários.

**Palavras-chaves:** Intertextualidade. Habacuque. Romanos. Gálatas. Hebreus.

## ABSTRACT

The hermeneutic-theological question of the New Testament uses of the Old Testament shows up prominent in the studies of the last decades. This, for raising questions connected to the doctrines of inspiration, inerrancy and history of salvation. This work intends to work under the meta-comment and comment categories. Treating the question of hermeneutics and commenting on one of these biblical uses. We appreciate the textual corpus of Habakkuk 2: 4 quoted in Romans 1:17, Galatians 3:11, and Hebrews 10:38. The original context and the contexts of the citations will be discussed respectively. It aims to understand the main schools of interpretation: their claims, problems and virtues. Thus, based on the data obtained, a proposal for a methodology for interpretation. It follows with the work on the text of Habakkuk, and the more detailed study of each occurrence in the NT. Consequently, generalizing conclusions will emerge on the subject, trying to explain the different uses of the New Testament authors, as well, the peculiar problems that arise in each of these uses. The integration of interpretive axes, as well, of concepts, shows the possibility of constructing an interpretative methodology. The metaphor of pregnant statements will be listed as the way to see such intertestamental textual movements.

**Keywords:** Intertextuality. Habakkuk. Romans. Galatians. Hebrews.

## INTRODUÇÃO

Os reformadores ensinavam um simples princípio para a interpretação bíblica (em contraposição à interpretação tradicional da época), esse ditava que a Escritura deve interpretar a própria Escritura. Além de todas as suposições hermenêuticas contidas nessa proposição, pode-se identificar um fenômeno recorrente nas páginas da Bíblia: ela refere-se a si mesma centenas de vezes. Sendo uma coletânea de livros conectados fortemente por história, tradição, tema, e especialmente, teologia; encontra-se ali também conexões textuais.

Esse último fenômeno tem chamado atenção de exegetas e teólogos, porém, o estudo sistematizado dele tem figurado no cenário da interpretação bíblica a pelo menos três décadas. Considerando o tempo hábil para as traduções de tais obras e a recontextualização do debate em solo brasileiro, estamos diante de um assunto considerado recente em nossas discussões. Por tal natureza, sua popularidade é crescente, bem como, os estudos produzidos. Necessariamente, tais estudos são de duas categorias: comentários ou metacomentários. Os últimos propõem-se a debater a questão em si do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento com suas diretrizes metodológicas e definições. Os comentários analisam um corpus de texto bíblico cujo fenômeno apareça.

No âmbito linguístico o campo no qual se insere o estudo da presença entre-textos é chamado de intertextualidade, assim, discutiremos esse tópico procurando definições e um entendimento das principais correntes de interpretação. Segue-se com uma análise do texto-base para as citações neotestamentárias. Ao final, discute-se cada uma das ocorrências procurando aplicar os conceitos elencados, também, explicitando suas peculiaridades e de que maneira pode-se averiguar um progresso no entendimento do assunto por meios dos comentários extraídos do texto bíblico.

## 1. O USO DO ANTIGO TESTAMENTO NO NOVO

A intertextualidade deve ser a estratégia hermenêutica que procure um entendimento acerca do relacionamento entre textos: “A intertextualidade enfatiza que os textos se relacionam uns com os outros em níveis mais fundamentais do que as citações explícitas [...]”.<sup>3</sup> Como o caso a ser analisado é uma citação explícita, o teólogo americano nos alerta para a sua natureza: “[...]”

<sup>3</sup>MOO, Douglas. **The epistle to the Romans** (The new international commentary on the New Testament). Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1996. p. 183.

são tipo um iceberg intertextual, representando somente o nível superficial de um nexos de relacionamento intertextual bem mais amplo”.<sup>4</sup>

Em suma, todo tipo de intertextualidade abarca o conceito de eco, que são provenientes de uma fonte de som primária e reverbera nas paredes da história da revelação sendo ouvido por meio dos textos que seguem progressivamente no processo canônico, esses: “[...] são despertados pelas citações do NT e alusões quando o leitor perceptivo reflete na rica, e algumas vezes confusa, interação entre o cumprimento do NT e o contexto e narrativa do AT”.<sup>5</sup>

De maneira linguística, entende-se intertextualidade dentro de uma ordem restrita, e, posiciona-se na interseção de textos: “uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro”.<sup>6</sup> Percebe-se nessa definição a necessidade de uma presença textualmente mútua (ou seja, o conteúdo do texto aludido no texto atual), e, efetividade (considerando-se a pragmática da intertextualidade). Invés de intertexto, Moisés (1978) prefere falar de interdiscurso: “A lógica do discurso monológico é a lógica formal e aristotélica, enquanto a do discurso dialógico é a lógica correlacional”,<sup>7</sup> complementa: “Cada obra surge como uma nova voz (ou um novo conjunto de vozes) que fará soar diferentemente as vozes anteriores, arrancando-lhe novas entonações”.<sup>8</sup>

As intertextualidades podem ser divididas em: explícita e implícita. A primeira é mais comumente identificada pelas aspas, mas, em geral, é a atribuição de um texto a outro enunciador.<sup>9</sup> No segundo caso não há menção explícita à fonte utilizada. Tal interação pode ser explicitada em todo tipo de reação do autor, entretanto, espera-se que o leitor reconheça o intertexto: “[...] pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido [...]”.<sup>10</sup> Uma das maneiras dessa dinâmica acontecer é a alusão que pressupõe uma implicitude para a referência. Dentro desse conceito pode-se entender termos como eco e alusão.

<sup>4</sup>MOO, 1996, p. 186.

<sup>5</sup>MOO, 1996, p. 187.

<sup>6</sup>GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução dos alunos de Pós-graduação em estudos literários – POSLIT – da FALE/UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. 48 p. Título original: Palimpsestes, La littérature au second degré. p. 14.

<sup>7</sup>MOISÉS, Leyla Perrone. **Texto, Crítica, Escritura**. São Paulo: Ática, 1978. p. 23.

<sup>8</sup>MOISÉS, 1978, p. 25.

<sup>9</sup>KOCH, Ingedore G. Villaça. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2012. p. 28.

<sup>10</sup>KOCH, 2012, p. 31.

Questões metodológicas são importantes para a identificação dos casos a serem analisados, bem como, nomenclatura a ser empregada. Pode-se resumir os modos de intertextualidade bíblica em duas categorias maiores: Citação e Alusão/Eco. Köstenberger<sup>11</sup> explana que citações teriam uma correspondência formal com textos antecedentes, e, alusões seriam uma invocação não-formal de outros textos. Considerando as dificuldades linguísticas em tais classificações, admite-se certa flexibilidade nos conceitos. Podemos expandir com a ajuda do Manual de G. K Beale,<sup>12</sup> onde temos que Citação é: “[...] uma reprodução direta de uma passagem do AT facilmente identificável por seu paralelismo vocabular claro e bem característico”. A chave apontada pelo mesmo para se encontrar uma Alusão é: um paralelo incomparável ou único de redação, sintaxe, conceito ou conjunto de motivos na mesma ordem ou estrutura”.<sup>13</sup>

Além da metodologia referente a literariedade, deve-se investigar as questões fundamentais num estudo que procure entender os modos como o NT utiliza-se do AT. Para isso, elencamos os pontos centrais dispostos por Jonathan Lunde<sup>14</sup> na introdução do “Três visões sobre o uso do Antigo Testamento no Novo Testamento”; ali aponta como questão gravitacional as relações entre os autores do AT e NT e os significados pretendidos. Orbitando existem as questões sobre Tipologia, Contexto, Replicação, Sensus Plenior, e, Métodos Exegéticos. Perceber-se-á que cada escola enfatiza mais certos pontos dos elencados. Quanto à “replicação”, refere-se ao conceito já posto do modo de literariedade nas intertextualidades bíblicas.

A problemática levantada por Lunde diz respeito mais as metodologias das escolas hermenêuticas do que uma metodologia do trabalho exegético-teológico em si. Nesse aspecto, pode-se encontrar boas diretrizes do artigo seminal de Stanley Porter.<sup>15</sup> O corpus da pesquisa deve ser bem delimitado, seja

<sup>11</sup> KÖSTENBERGER, Andreas J. & PATTERSON, Richard D. **Convite a interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2015. P. 256.

<sup>12</sup> BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: Exegese e interpretação**. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 53.

<sup>13</sup> BEALE, 2013, p. 56.

<sup>14</sup> LUNDE, Jonathan. Introducion. In: BERDING, Kenneth (ed). **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2008. p. 12.

<sup>15</sup> PORTER, Stanley E. The Use of the Old Testament in the New Testament: a brief comment on method and terminology. In: EVANS, Craig A; SANDERS, James A. (eds.). **Early Christian Interpretation on the Scriptures of Israel: investigations and proposals**. England: Sheffield Academic Press, 1997. P. 96.

no texto-fonte, ou em suas aparições. As categorias devem ser rigorosamente explicitadas e aplicadas, especialmente em se tratando da literariedade do estudo. Além disso, alerta para uma ênfase no autor como fonte daquele uso específico, e não uma abordagem fechada sobre a recepção.

Quanto às posições sobre tal tema hermenêutico/teológico, se faz necessário observar as várias escolas de interpretação que discorrem sobre a problemática. Darrel Bock sumariza 4 grandes posições: Escola da intenção humana completa (Walter Kayser Jr.), Intenção divina-humana (J. I. Packer), Progresso Histórico da revelação e hermenêutica judaica (Richard Longenecker), e, uma abordagem canônica com ênfase no Novo Testamento (Bruce Waltke).<sup>16</sup> Noutro estudo, as escolas são sumarizadas em três: “Um significado, referentes unificados [...] Um significado, múltiplos contextos e referentes [...] Significado pleno, um alvo [...]”.<sup>17</sup>

A primeira escola, acima citada por Berding, é a adotada pelo teólogo Walter Kayser Jr. Ele rejeita uma diferença entre a intenção de Deus e a intenção do autor humano. O ponto chave em sua posição é que o autor humano está consciente de todos os estágios do significado do primeiro evento, até o último.<sup>18</sup> Assim defendendo um tipo de tipologia cíclica, em que o NT interpreta o AT para explicar Jesus, e usam a revelação Cristológica, para explicar o AT. Ou seja, quando o autor do NT cita o AT, não está mudando o significado original, apenas está interpretando-o à luz do cumprimento da promessa. Douglas Moo defende uma posição chamada canônica, com algumas ressalvas: “O significado cristológico ‘último’ discernido pelo Novo Testamento muitas vezes se estende além, mas é sempre baseado no significado pretendido pelo autor humano”.<sup>19</sup>

Outra opção é perceber dois tipos de usos do AT por escritores NT: um em que o escritor do NT mantém e aplica o sentido histórico-gramatical da passagem do AT e, outro uso, em que o escritor do NT vai além do sentido histórico-gramatical da passagem do AT para atribuir à passagem um

<sup>16</sup> BOCK, Darrell L. Evangelicals and the Use of the Old Testament in the New. **Bibliotheca Sacra**. Dallas, v. 142, p. 209-23, Julho 1985.

<sup>17</sup> BERDING, Kenneth (ed). **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2008; Essas defendidas respectivamente por: Walter Kayser Jr., Darrell L. Bock, Peter Enns.

<sup>18</sup> BOCK, 1985, p. 3.

<sup>19</sup> MOO, Douglas. The problem of *sensus plenior*. In: CARSON, D. A.; WOODBRIDGE, John D. **Hermeneutics, Authority, and Canon**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1986. p. 209.

significado adicional em conexão com seu contexto no NT. A última instância é um uso não-literal do AT. Podemos chamar isso de “uma aplicação inspirada do ‘sensus plenior’ (AISP<sup>20</sup>) da passagem do AT para uma nova situação. É “inspirado”, porque, como todas as Escrituras, a passagem do NT é inspirada por Deus. É “sensus plenior”, na medida em que dá um sentido adicional ou mais completo do que a passagem teve em sua configuração do AT. É uma “aplicação” porque não erradica o significado literal da passagem no AT, mas, simplesmente, aplica o texto do AT a uma nova configuração.<sup>21</sup> É uma aplicação da passagem do AT além do que originalmente ela significava em seu contexto, a autoridade para tal aplicação está na passagem do NT, e não na passagem do AT em si. Esta é uma AISP.<sup>22</sup> Robert destaca que tal uso não dá aval para o intérprete contemporâneo usar o *sensus plenior* em sua interpretação da Escritura.

Há outro modo de enxergar as relações textuais entre-testamentos cujo foco fica sobre a exegese judaica. Os proponentes dessa visão baseiam-se numa interpretação Cristológica aliada ao uso das técnicas interpretativas judaicas. Uma vez que, as citações feitas do AT não devam ser vistas como simples “textos-prova”, nem como textos manipulados ou distorcidos.<sup>23</sup> A procura por uma hermenêutica “histórico-gramatical” nos autores do NT seria, dessa maneira, um anacronismo. Uma vez que, a hermenêutica a qual eles estavam expostos era majoritariamente dominada pelos estudiosos judeus da Lei.<sup>24</sup> O principal defensor dessa visão específica é Richard N. Longenecker:<sup>25</sup> “A exegese judaica do primeiro século pode geralmente ser classificada em quatro categorias: literalista, midrashica, *pesher* e alegórica”.<sup>26</sup>

A abordagem canônica, representada por Douglas Moo e Bruce Waltke advoga a visão do cânon mais amplo que interprete as partes específicas desse cânon. Na progressividade da redenção os significados amplos dos textos

<sup>20</sup>No original ISPA: Inspired sensus plenior application, essa é a denominação usada pelo autor.

<sup>21</sup>THOMAS, Robert L. The New Testament use of the Old Testament. **TMSJ**, 13/1, pp. 79-98, spring 2002. p. 2.

<sup>22</sup>THOMAS, 2002, p. 8.

<sup>23</sup>BOCK, 1985, p. 216.

<sup>24</sup>VLACH, Michael J. **How does the New Testament Use the Old Testament**: a survey of the major Views. California, LA: Theological Studies Press, 2017. posição 311.

<sup>25</sup>LONGENECKER, Richard N. **Biblical exegesis in the apostolic period**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999. posições 184-185.

<sup>26</sup>Jewish exegesis of the first century can generally be classified under four headings: literalist, midrashic, *pesher*, and allegorical.

proféticos são revelados aos escritores do NT. Dessa maneira deve haver uma prioridade interpretativa onde: “[...] o Novo interpreta o Antigo [...]”.<sup>27</sup> Tal posição pretende rejeitar o problema do *sensus plenior* ao entender que novos significados não são adicionados ao texto do AT, mas, por meio de revelação, o significado mais profundo do texto é entendido pelos autores inspirados do NT.<sup>28</sup> Através dessa releitura, promessas físicas geralmente devem ser revistas como espirituais. Como Vlach aponta, essa tem sido a posição mais comum entre os teólogos, especialmente aqueles de linha reformada.

Colocando-se os aspectos de ênfase de cada escola de interpretação, bem como, pressupostos teológicos adjacentes, que caminho tomar entre tais vozes? Segundo Darrel Bock sumariza, parece haver tendências diametrais entre dois polos: histórico/exegético e teológico/canônico. Sua proposta é eclética, no sentido de procurar um paradigma que una tais pontos necessários.<sup>29</sup> Para esse autor, o contexto veterotestamentário é um fator chave de como esse texto deva ser usado, porém, nem sempre é o único fator.<sup>30</sup> Há, aparentemente, para ele um contexto estável no AT que é o: “[...] fundamento de significado para essa passagem, mas as passagens anteriores se tornam mais claras à medida que a revelação posterior chega. Também pode haver ‘novos referentes’ à medida que novos contextos e revelações se desdobram”.<sup>31</sup>

O conceito de revelação progressiva se mostrará como fundamental para o entendimento em tais relações textuais. Ao nos aproximarmos das definições defendidas por Waltke, deve-se, entretanto, tomar alguns cuidados. Como já apontado, os cuidados que Bock toma são fundamentais para não se desqualificar o significado pretendido pelos autores do AT. O estudioso Walter Kaiser concorda nesse ponto com Bock: “o Novo Testamento pode desenvolver e complementar o que o AT significa, desde que ele não negue

<sup>27</sup>WALTKE, Bruce K. Promessas do reino e os Testamentos. In: FEINBERG, John S. **Continuidade e descontinuidade**: perspectivas sobre o relacionamento entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento: ensaios em homenagem a S. Lewis Johnson Jr. São Paulo: Hagnos, 2013. p. 230.

<sup>28</sup>BOCK, 1985, p. 219.

<sup>29</sup>BOCK, Darrel L. Single Meaning, Multiple Contexts and Referents. In: BERDING, Kenneth (ed). **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2008. p. 115.

<sup>30</sup>BOCK, 2008, p. 116.

<sup>31</sup>[...] foundation of meaning for that passage, but earlier passages become clearer as later revelation arrives. There can also be ‘new referents’ as new contexts and revelation unfolds; VLACH, 2017, posição 402.



o que o texto do AT afirma.”<sup>32</sup> Esse desenvolvimento da história da redenção e essa complementariedade são fundamentais para o conceito de revelação progressiva.

Tendo-se os dois polos colocados como Histórico/Exegético e Teológico/Canônico, seguiremos uma metodologia e interpretação que caminhem entre os dois polos citados. No primeiro polo, existem os aspectos das fontes textuais usadas pelos autores do NT. Sendo esse um labor da crítica textual, entrará como aspecto exegético nesse estudo, Bock<sup>33</sup> mostra tal necessidade. Além disso, como apontado por Koptak, a abordagem intertextual: “[...] ilumina a forma como os escritores usam textos anteriores para enriquecer o significado e estabelecer um testemunho autoritário. Ajuda os leitores a identificar e entender as estratégias retóricas do escritor bíblico<sup>34</sup>. Observar-se-ão, dessa maneira, aspectos textuais e discursivos.

Se existiram métodos específicos na interpretação apostólica, como apontado pela escola do Judaísmo do Segundo Templo, também será uma questão analisada. Podem ser considerados, em especial, os modos de interpretação Midrash e Peshet. Como Darrell Bock alerta, deve-se manter a cautela, utilizando tais termos num sentido apenas descritivo, para não os entender como uma hermenêutica judaica de maneira completa. Sabendo que uma hermenêutica carrega seus pressupostos.<sup>35</sup> O midrash: “[...] procura explicar os significados ocultos nele contidos por meio de regras hermenêuticas concordadas a fim de contemporizar a revelação de Deus para o povo de Deus”.<sup>36</sup> A interpretação peshet, procura em termos gerais, uma interpretação escatológica dos textos do Antigo Testamento.

Num polo teológico, serão considerados os aspectos já discutidos da revelação progressiva. Qual seria então o pressuposto interpretativo que

<sup>32</sup>the NT can develop and complement what the OT meant so long as it does not end up denying what the OT text affirmed; KAISER, Walter C., Jr. *Single Meaning, Unified Referents*. In: BERDING, Kenneth (ed). **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2008. p. 155.

<sup>33</sup>BOCK, 1985, p. 314.

<sup>34</sup>illuminates the way writers use earlier texts to enrich meaning and establish authoritative testimony. It helps readers identify and understand the biblical writer's rhetorical strategies; KOPTAK, Paul E. *Intertextuality*. In: VANHOOZER, Kevin J. (general editor). *Dictionary for the theological interpretation of the Bible*. Grand Rapids, MI: Baker, 2005. p. 334.

<sup>35</sup>BOCK, 1985, p. 313.

<sup>36</sup>seeks to explicate the hidden meanings contained therein by means of agreed on hermeneutical rules in order to contemporize the revelation of God for the people of God; LONGENECKER, 1999, posições 638-640.

Paulo usou ao se apropriar de Habacuque para defender a justificação pela fé? Beale defende 5 pressupostos que os autores do NT tiveram ao interpretar. Deve-se considerar importante para discussão pelo menos três: “A história da redenção é unificada [...] A era do cumprimento escatológico chegou com Cristo [...] as partes mais novas da história bíblica funcionam como contexto mais amplo para interpretar as mais antigas”.<sup>37</sup> Ele conclui que esse é o modo que Jesus, o maior intérprete, usou.<sup>38</sup>

Complementaremos a posição desse estudo com a visão de G. K. Beale expressa nos termos de: Visão periférica. Partindo do conceito linguístico que um enunciado contém uma constelação de significado que podem ser desdobrados, muito embora o enunciante não compreenda totalmente todas as implicações disso.<sup>39</sup> A visão periférica, é um conceito ligado à visão humana, a qual pode enxergar algo, mesmo que o foco da visão não esteja voltado para lá. É ver sem ter total intenção de ver. Concluímos, dessa forma, que o autor do AT deve ser respeitado em seu escopo de significado, mas que o autor do NT explorou a visão periférica do AT, de modo correto, interpretando à luz de sua nova realidade. A tensão entre a intenção divina e humana é uma questão pensada pelo conceito teológico de inspiração. Levando-se em conta uma abordagem equilibrada dessa doutrina, ou seja, orgânica;<sup>40</sup> podemos entender que as vontades e personalidades confluíram para que a Escritura fosse produzida. Entretanto, há dois pontos que não podem ser desconsiderados: O primeiro está na diferença ontológica entre o ser humano e Deus, o segundo ponto diz respeito à progressividade do plano de Deus.

## 2. ANÁLISE DO TEXTO – HABACUQUE 2.4

O contexto original da famosa citação “*o justo viverá pela fé*” encontra-se no livro do profeta Habacuque, classificado normalmente como um dos 12 profetas menores. Quanto ao conteúdo, os oráculos de Habacuque são

<sup>37</sup> Isso não pressupõe uma superioridade interpretativa do NT sobre o AT. O AT deve ser interpretado em seus próprios termos, e então, interpretado à luz do NT considerando os dados já coletados. Como temos feito na metodologia desse trabalho; BEALE, 2013, P. 40.

<sup>38</sup> A esse respeito, Lucas 24:27 - “E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras.” (ARA, 1999).

<sup>39</sup> BEALE, G. K. **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas**. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 14.

<sup>40</sup> Alguns tem chamado tal modo de inspiração como *encarnacional*. Nele, leva-se em conta a encarnação de Jesus, onde, o Deus-homem coexistiu em si mesmo sem qualquer disparidade.

descritos com a palavra *maśśā'*, que significa: oráculo, fardo ou sentença. Essa palavra aparece 77 vezes no Antigo Testamento. Os oráculos de salvação, bem como os de condenação, são característica da literatura profética. Neles, a salvação prometida para um remanescente humilde é apontada para o futuro. Mostram-se como: “[...] consoladoras profecias de salvação prometem [...] aquele que sobreviver à ação em que o espírito de juízo eliminará a sujeira e as manchas de sangue.”<sup>41</sup>

A passagem em questão é 2:4: “Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé” (ARA). Como ela deve ser interpretada? Antes, nos ateremos às questões textuais. O Texto Massorético<sup>42</sup> traz o texto: “hinnē ‘uppēlā lō’-yošrā napšō bō wēšaddiq be’ēmūnātō yiḥye”<sup>43</sup> (Hab. 2:4 BHS). Robertson<sup>44</sup> enxerga nessa construção um paralelismo, uma vez que a primeira parte da declaração segue o padrão normal da sentença composta do hebraico: primeiro sujeito, seguido de uma oração independente com sufixo pronominal. O soberbo e o justo contrastam, a alma do soberbo não é reta, a contraparte fala da fidelidade do justo.<sup>45</sup> Nesse caso, o pronome possessivo está no meio da subsentença, enquanto, o pronome possessivo está no final da primeira subsentença. Segue que: “A ênfase resultante dessa estrutura é digna de nota. O *justificado* recebe uma ênfase que não se poderia realizar na estrutura de sentença simples do verbo seguido de sujeito”.<sup>46</sup> Para os fins deste artigo, a parte b do versículo será analisada doravante, seguindo com uma análise dos lexemas, bem como, uma comparação com a LXX.

Wēšaddiq,<sup>47</sup> que significa “justo”, é uma palavra com uma rica significação. Encontra-se numa constelação semântica jurídica. O justo é aquele que o é percebido assim, e igualmente declarado assim. Deus declara alguns homens como justos,<sup>48</sup> e o próprio Deus é reconhecido como justo.<sup>49</sup> Um caso interessante em que essa palavra aparece na Bíblia Hebraica é Isaías

<sup>41</sup> WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**: uma abordagem exegética, canônica e temática. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 928

<sup>42</sup> BHS (2ª ed.) Hebrew Old Testament. Fonte: aplicativo Bibleworks 10

<sup>43</sup> הנה עפלה לא־שָׂרָה נִפְשׁוֹ בּוֹ צְדִיק בְּאִמּוּנָתוֹ יִחִי:

<sup>44</sup> ROBERTSON, O. Palmer. **Comentários do Antigo Testamento**: Naum, Habacuque e Sofonias. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 227

<sup>45</sup> Ou, “sólida confiança”, como aponta Robertson (idem)

<sup>46</sup> ibidem, grifo do autor

<sup>47</sup> צְדִיק

<sup>48</sup> Gênesis 6:9 (ARA, 1999)

<sup>49</sup> Deuteronômio 32:4 (idem)

53:11, onde é dito que o servo do Senhor justificaria a muitos. As citações (os usos) mais antigas dessa palavra referem-se à função de juízes. Na sua forma masculina aparece 118 vezes, e em sua forma feminina 156 vezes no TM. O léxico TWOT<sup>50</sup> descreve: “A raiz basicamente conota uma conformidade com uma regra moral ou ética [...] O aspecto ético envolve a conduta do homem com seu próximo”.

Entretanto, o uso que mais coaduna com a passagem parece ser o conceito de justiça conectado a salvação: “Corolário ao aspecto forense da justiça de Deus é o conceito de salvação como vindicação (Is.1:2751, 46:13, em que teshû’a– ‘salvação’ ocorre em paralelismo com šedāqâ. A salvação de Deus aparece nessa justiça, porque Deus entrega o seu povo”.<sup>52</sup> Tal aspecto é essencial para entender o problema que essa passagem apresenta em sua citação neotestamentária: A justiça que salva é própria do homem ou é externa ao homem: a justiça de Iavé? Esses contextos mostram que a palavra pode comportar ambos sentidos.

Be’ēmûnâto<sup>53</sup> é outra palavra fundamental para o entendimento da passagem sendo traduzida na ARA como fé. Seu significado geral é firmeza, fidelidade. Sua raiz parece vir do verbo segurar.<sup>54</sup> Entretanto, na LXX, bem como citação de Paulo em Romanos, a palavra usada é da raiz pistis.<sup>55</sup> Segue o texto de Habacuque 2:4 na LXX: “eàn hyposteilētai, ouk eudokeî hē psychē mou en autōi: ho dē dikaïos ek pisteōs mou zēsetai”.<sup>56</sup> Referindo-nos à parte b do versículo, a mais problemática distinção encontra-se em “*ek pisteōs mou*”,<sup>57</sup> que traz uma considerável discrepância com o TM, traduzindo-se: “*O justo por minha fidelidade viverá.*”

O texto hebraico de Habacuque além de figurar no Texto Massorético (TM) também é comentado em um dos rolos encontrados nas cavernas das imediações ao Mar Morto. O rolo produzido pela comunidade de Qumran é identificado pelo código de referência 1QpHab. Esse, por vezes, é chamado

<sup>50</sup> BIBLEWORKS, 2015.

<sup>51</sup> “Sião será redimida pelo direito, e os que se arrependem, pela justiça.” (ARA, 1999).

<sup>52</sup> idem.

<sup>53</sup> תְּשׁוּאָה

<sup>54</sup> Êxodo 17:12: “[...] Arão e Hur sustentavam-lhe as mãos, um, de um lado, e o outro, do outro; assim lhe ficaram as mãos firmes até ao pôr-do-sol.” (ARA, 1999, grifo meu).

<sup>55</sup> πίστις

<sup>56</sup> ἐὰν ὑποστειλήται, οὐκ εὐδοκεῖ ἡ ψυχὴ μου ἐν αὐτῷ· ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεώς μου ζήσεται

<sup>57</sup> ἐκ πίστεός μου

de “comentário de Habacuque” ou peshet. Quanto à sua estrutura e estado de conservação: “O Comentário de Habacuque possui características textuais e físicas únicas. Abrangendo 13 colunas, o texto é escrito em pergaminho regrado e sofre deterioração ao longo da base do pergaminho inteiro e nas duas primeiras colunas”.<sup>58</sup>

Quanto aos textos gregos de Habacuque temos a representação maior da Septuaginta (LXX) e suas respectivas testemunhas. Uma representação menor, entretanto, importante, é o “rolo grego dos 12 profetas”; seu código de referência é 8HevXIIgr. Certamente estudam-se o Texto Massorético e a versão eclética da LXX. Tendo em vista tal fortuna textual em duas línguas (grego e hebraico) cumpre-nos pesquisar qual seria o Vorlage ou quais os Vorlagen<sup>59</sup> utilizado(s) pelos autores neotestamentários ao citar Habacuque 2:4.

Segue o texto como na versão LXX (RH):<sup>60</sup> “ean hyposteilētai, ouk eudokei hē psychē mou en autō; ho de dikaios ek pisteōs mou zēsetai”.<sup>61</sup> Desde já, se faz necessário notar qual é a questão textual proeminente aqui: “O crux interpretum gira em torno do elemento pronominal ‘meu’ (μου) em Hab. 2.4 na LXX, se pertence ao texto original ou não, e se qualificou o substantivo ‘fé’ ou o adjetivo ‘justo’”.<sup>62</sup> O aparato crítico da Septuaginta visualizado no banco de dados do Bibleworks 10 mostra duas variantes textuais em relação a esse recorte. A primeira<sup>63</sup> diz respeito a uma transposição entre ek pisteōs,<sup>64</sup> e, mou;<sup>65</sup> ficando: dikaios mou ek pisteōs<sup>66</sup> (*O justo meu pela fé viverá*). A

<sup>58</sup> The Commentary on Habakkuk possesses unique textual and physical features. Spanning 13 columns, the text is written on ruled parchment and suffers deterioration along the base of the entire scroll and across the first two columns; LLEWELYN, Stephen. A case for two vorlagen behind the Habakkuk Commentary (1qphab). In: **Keter shem tov**: collected essays on the Dead Sea scrolls in memory of Alan Crown. edited by Shani Tzoref, Ian Young. (Perspectives on Hebrew scriptures and its contexts). Piscataway, NJ: Gorgias Press, 2013. p. 124.

<sup>59</sup> Vorlage é a matriz usada para fazer-se uma tradução, p. ex.: o texto hebraico foi a vorlage da LXX.

<sup>60</sup> Septuaginta & apparatus criticus Id est Vetus Testamentum graece iuxta. LXX interpretes: edidit Alfred Rahlfs (idem).

<sup>61</sup> ἐὰν ὑποστειλῆται, οὐκ εὐδοκεῖ ἡ ψυχὴ μου ἐν αὐτῷ· ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεώς μου ζήσεται

<sup>62</sup> The crux interpretum revolves around the pronominal element ‘my’ (μου) in LXX Hab. 2.4, whether it belongs to the original text or not, and whether it qualified the noun ‘faith’ or the adjective ‘righteous’; MENKEN, MAARTEN J. J.; MOYISE, Steve. (eds.) **The minor prophets in the new testament**. New York, NY: T&T Clark, 2009. p. 119.

<sup>63</sup> Encontrada no *Codex Alexandrinus*.

<sup>64</sup> ἐκ πίστεώς

<sup>65</sup> Μου

<sup>66</sup> δίκαιος μου ἐκ πίστεώς

segunda variante<sup>67</sup> é de omissão do possessivo *mou*, o que solucionaria a aparente discrepância. O texto de Romanos, nesse sentido, pareceu seguir o TM, entretanto: “[...] o autor de Hebreus seguiu a LXX, mas com algumas mudanças importantes que enfatizam o conceito de *pistis* como persistência fiel [...]”.<sup>68</sup>

Consta no aparato: “Habacuc 2:4 [εκ πιστ. / μου] tr. AC, μου > Wc: cf. Rom. 1:17, Gal. 3:11, Hebr. 10:38”. O sinal *tr.* significa transposição ocorrida do pronome possessivo em AC (Códex Alexandrino). Enquanto, o sinal > significa omissão do referido pronome. Essa ocorre em W (Códex Freer, Washington, século V). Tal omissão está em conformidade (*cf.*) o texto de Romanos, Gálatas, e o próprio texto de Hebreus. Essa última indicação de que haja omissão no texto de Hebreus 10 é contestada pelo texto crítico da NA 28, embora seu aparato ofereça a informação de que tal ocorra em: Ɀ<sup>13</sup> D<sup>2</sup> H<sup>c</sup> I K L P Ψ 81. 104. 365. 630. 1175. 1241. 1505. 1881 ℣ b t z vg<sup>ms</sup> bo. Embora tenhamos boa quantidade e bons manuscritos, o crítico opta pelo texto embasado em: Ɀ<sup>46</sup> Ɀ A H\* 33. 1739 lat sa bo<sup>ms</sup>; Cl. Tendo-se o manuscrito mais antigo Ɀ46 (aprox. séc. II) e o códex Ɀ, essa parece ser a melhor leitura. Há uma leitura que converge em total com o texto da LXX, conectando o pronome a *pisteōs*<sup>69</sup>, porém é pauperrimamente atestada.<sup>70</sup> Pode-se sumarizar as principais diferenças na LXX: “(i) alguns a retêm depois de ‘ek pisteous’ ; (ii) outros a transpuseram antes de ‘ek pisteous’ - a mesma posição em que aparece em Hb 10:38; (iii) alguns outros omitem completamente o pronome - como é o caso em Rom 1:17 e Gal 3:11.”<sup>71</sup>

Nesse texto, apenas parte do versículo 4 foi preservado: “17 [...] באמונתו יהיה”<sup>72</sup>. Esse, encontra-se ao fim da coluna VII. Ao comparar-se com o TM, que no final do versículo traz: “וְצַדִּיק בְּאִמּוּנָתוֹ יִהְיֶה”<sup>73</sup>. Obviamente, sem vocalização,

<sup>67</sup> Encontrada no *Codex Freer, Washington*

<sup>68</sup> GAEBELEIN, Frank E. **The expositor's Bible Commentary**: Volume 7. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1985. p. 90

<sup>69</sup> πιστεύω

<sup>70</sup> εκ πιστεως μου é encontrado apenas em: D\* μ sy

<sup>71</sup> (i) some retain it after “ek pisteous” ;119 (ii) others transposed it before “ek pisteous” – the same position in which it appears in Heb 10:38; (iii) some others omit the pronoun altogether – as is the case in Rom 1:17 and Gal 3:11; STEYN, Gert J. **A Quest for the Assumed LXX Vorlage of the Explicit Quotations in Hebrews**. 2009. 495 p. Dissertation (Degree of Doctor Litterarum) - Stellenbosch University. p. 123

<sup>72</sup> MARTÍNEZ, 1999, p. 16

<sup>73</sup> BHS, BIBLEWORKS 10, 2016

temos a mesma leitura, e provavelmente a mesma *Vorlage* (O comentário Peshier baseou-se no TM). Segue-se com a tabela<sup>74</sup> de comparação entre o texto grego de Habacuque e a LXX:

<b>8HevXII<sup>87</sup></b>	2:4 idou skotia ouk eutheia psychē autou dikaios en pistei autou zēsetai <sup>75</sup>
<b>LXX</b>	2:4 ean hyposteilētai ouk eudokei hē psychē mou en autō ho de dikaios ek pisteōs mou zēsetai <sup>76</sup>

As diferenças textuais abundam nessa comparação,<sup>77</sup> de tal maneira que seria altamente improvável que o texto 8HevXII<sup>87</sup> seja o *Vorlage* das traduções paulinas e de Hebreus, uma vez que a sua leitura está em desacordo com a LXX, bem como, como os textos neotestamentários em questão. No texto hebraico (TM) lê-se:<sup>78</sup>

hinnē ‘uppēlā lō’-yāšrā napšō bō wēšaddiq be’ēmūnātō yihye <sup>79</sup>  (Hab. 2:4 BHS)	ean hyposteilētai, ouk eudokei hē psychē mou en autō; ho de dikaios ek pisteōs mou zēsetai. <sup>80</sup>  (Hab. 2:4 LXXRH)
--	---

Esse versículo pode ser entendido como um *bicólon*,<sup>81</sup> onde num movimento típico da literatura de sabedoria judaica, são-nos apresentados dois estilos de vida personificados em dois personagens: o soberbo e o justo. O primeira *cola* do texto grego é totalmente díspar do texto hebraico, num texto temos “ean hyposteilētai, ouk eudokei hē psychē mou en autō;” (“se retornar, minha alma

<sup>74</sup> **Tabela 2**

<sup>75</sup> ἴδου σκοτία οὐκ ευθεια ψυχή αυτού δικαίος εν πιστει αυτού ζήσεται

<sup>76</sup> εἰάν ὑποστείληται οὐκ εὐδοκεῖ ἡ ψυχή μου ἐν αὐτῷ ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεώς μου ζήσεται

<sup>77</sup> “ἴδου σκοτία” está no lugar de “εἰάν ὑποστείληται”; “ευθεια” no lugar de “εὐδοκεῖ”; na LXX temos o artigo “ἡ” antes de “ψυχή”; “αυτου” no lugar de “μου”; na LXX “ἐν αὐτῷ”; na LXX “ὁ” antes de “δε δίκαιος”; “αυτου” no lugar de “μου”.

<sup>78</sup> **Tabela 3**

<sup>79</sup> הנה עפֿלֿה לֵא־יִשְׁרָה נַפְשׁוֹ בּוֹ

יִצְדִּיק בְּאֵמֻנָתוֹ יִחְיֶה:

<sup>80</sup> εἰάν ὑποστείληται, οὐκ εὐδοκεῖ ἡ ψυχή μου ἐν αὐτῷ· ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεώς μου ζήσεται.

<sup>81</sup> Um bicólon forma uma linha básica da poesia hebraica. Mostrando, assim, paralelismo; e, uma ideia completa.

não terá prazer nele”),<sup>82</sup> noutro: “hinnē ‘uppēlā lō’-yāšrâ napšô bô” (“ele é soberbo, sua alma não é r/eta nele”). No segundo *colón*<sup>83</sup> temos a inserção do artigo “ho” depois de “dikaios”. Considerando tais questões textuais entende-se a possibilidade da aproximação paulina (Romanos, Gálatas) ao texto hebraico por sua falta de ênfase no pronome “meu”. No caso de Hebreus a aproximação mostra-se em relação à LXX.

### 3. USOS DE HABACUQUE 2.4 NO NOVO TESTAMENTO

A mais conhecida citação no NT está no livro de Romanos, onde Habacuque está sendo usado no ponto central da epístola:

<p>Rom. 1:16-17 - Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé. (ARA, 1999)</p>	<p>Rom. 1:16-17 - Ou gar epaischynomai to euangelion, dynamis gar theou estin eis sōtērian panti tō pisteuonti, Ioudaiō te prōton kai Hellēni. dikaiosynē gar theou en autō apokalyptetai ek pisteōs eis pistin, kathōs gegraptai; ho de dikaios ek pisteōs zēsetai. (NA28)<sup>84</sup></p>
---	--

No versículo 16 Paulo destaca sua missão para com o evangelho, ele o conheceu através de Jesus, descendente de Davi que ressuscitou, e foi comissionado a proclamá-lo, por isso não se envergonhava dele. O evangelho traz em si um caráter universalizante, uma vez que é para a salvação de “todo o que crê”. Assim como em Habacuque 2:4b, dois vocábulos dominam a paisagem do versículo: justiça e fé. Acrescentando-se, nesse novo contexto: evangelho. No léxico Louw-Nida, *dikaiosynē*<sup>85</sup> encontra-se na seção maior: “Qualidades morais e éticas e comportamentos relacionados”, e na subseção “justo, justiça”, que abrange outras palavras além de *dikaiosynē*.

Quanto à interpretação desses versículos o reformador Martinho Lutero

<sup>82</sup> Tradução minha.

<sup>83</sup> É a meia linha poética do hebraico bíblico

<sup>84</sup> Οὐ γὰρ ἐπαισχύνομαι τὸ εὐαγγέλιον, δύναμις γὰρ θεοῦ ἐστὶν εἰς σωτηρίαν παντὶ τῷ πιστεύοντι, Ἰουδαίῳ τε πρῶτον καὶ Ἑλληνι. δικαιοσύνη γὰρ θεοῦ ἐν αὐτῷ ἀποκαλύπτεται ἐκ πίστεως εἰς πίστιν, καθὼς γέγραπται· ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεως ζήσεται.

<sup>85</sup> δικαιοσύνη



disse: “[...] no meu entender ela significava a justiça segunda a qual Deus é Justo e age com justiça ao punir o injusto. Eu compreendi a verdade: que ‘a justiça de Deus’ é a justiça pela qual, através da graça e pura misericórdia, ele nos justifica pela fé”.<sup>86</sup> O campo semântico de “justiça” é especialmente importante em Romanos. Segundo Moo, “justiça” pode ser interpretado por três vias nessa epístola: como atributo de Deus, como o status doado por Deus, e, como uma atividade de Deus.<sup>87</sup> As três opções podem ser entendidas no texto em questão, Deus sendo justo, age sobre o seu povo os tornando justos, e o resultado é um novo status de justiça diante de Deus.<sup>88</sup>

O contexto de Habacuque comportava todo o significado usado por Paulo. Os conceitos de justiça, fé, e vida no AT, não são contradizentes ao NT. O contexto imediato de Habacuque enfatizava a vida pela fé que é o chamado do justo. O problema parece dissolvido aqui, a vida vivida pela fé não é o requisito para a justificação, é o modo de vida natural do justificado. Robertson sumariza: “Esta grande mensagem de justificação e vida pela fé somente é de natureza escatológica e deve ser genuína até o fim dos tempos”.<sup>89</sup> Embora o texto de Romanos apresente a citação de maneira especialmente ampla, a justiça de Deus é claramente exaltada e colocada como *sine qua non* da salvação do homem, enquanto, a justiça humana é amplamente apresentada como falha e idólatra na mesma carta.

Percebe-se que o contexto escatológico é importante na teologia paulina. Thielman<sup>90</sup> aponta para o fato de que a ira de Deus (Rm 1:17-18) está sendo revelada (*Apokalypsetai*<sup>91</sup>) escatologicamente em paralelo com a justiça de Deus revelada pelo evangelho. O sentido escatológico, esperançoso de vindicação final está presente no *Apokalypsetai* tanto da ira como do evangelho. Essa expressão ainda pode ser encontrada em conexão com a parte final da salvação que não foi consumada ainda, a “glorificação”, ou o fato de que ainda aguardamos a “redenção do nosso corpo” (Rm 8:23,30); tais questões ainda serão reveladas (*apokalypthēnai*<sup>92</sup>) em nós (Rm 8:18).

<sup>86</sup> LUTERO apud STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2009. p. 14

<sup>87</sup> MOO, 1996, pp. 70-71

<sup>88</sup> MOO, 1996, pp. 70-71

<sup>89</sup> ROBERTSON, 2011, p. 232

<sup>90</sup> THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

<sup>91</sup> Ἀποκαλύπτεται

<sup>92</sup> ἀποκαλυφθῆναι

Embora a questão escatológica que envolve as questões soteriológicas não sejam tão evidentes em Romanos como em Gálatas, ainda é possível perceber sua presença na construção da epístola: *A historia salutis* é descrita no tempo, apontando para a consumação futura. Além disso, em Rm 13:11-13, o dualismo vertical de Paulo em Romanos é demonstrado em sua força, fazendo-nos perceber a diferença da ênfase que há em relação a Gálatas onde o dualismo enfatizado é denominado: horizontal.

Em Gálatas, *Kathōs*<sup>93</sup> é a palavra que abre o versículo 6, e, geralmente compõe a fórmula de citação paulina. Entretanto, o que se segue não é uma citação do AT, essa vem apenas no verso 8. De maneira normal, traduz-se “como”, apresentando analogicamente o caso de Abraão como o caso teste da justificação pela fé, contrapondo-se diametralmente à interpretação usual de que os filhos de Abraão são salvos pelas obras de sua fé. Uma vez que a paternidade de Abraão era usada como aval para a garantia de sua salvação (Mt 3:9). Por isso que o clímax do argumento que fecha essa seção está no v. 29 onde a descendência abraâmica é conectada vitalmente à descendência de Cristo. Em suma, ser filho de Cristo é ser filho de Abraão e herdeiro da fé.

A fé é o assunto conectado com o crente Abraão, trazendo bênção sobre seus filhos. O fluxo, entretanto, é cortado por Paulo com a maldição trazida à tona pela simples obediência da lei. A vida é o resultado da obediência pela fé, que traz a verdadeira justiça. Os vv. 11 e 12 tratam do fato de que a lei não pode justificar, porque a fé justifica e a lei não é assunto da fé. *dēlon*<sup>94</sup> é a palavra que antecede a citação de Habacuque. Mais uma vez é levantada a questão de que tipo de fé se fala aqui, se *ek pisteōs*<sup>95</sup> modifica *ho dikaios*<sup>96</sup> ou o verbo *zēsetai*<sup>97</sup>. Douglas Moo<sup>98</sup> aponta o fato de que a interpretação que mais faz justiça ao seu contexto do AT e ao contexto da passagem é a modificação do verbo viver. O contexto anterior auxilia nessa interpretação pelo fato de que no mesmo versículo *en nomō*<sup>99</sup> modifica o verbo *dikaiouta*<sup>100</sup>.

<sup>93</sup> Καθὼς

<sup>94</sup> δῆλον

<sup>95</sup> ἐκ πίστεως

<sup>96</sup> ὁ δίκαιος

<sup>97</sup> ζήσεται

<sup>98</sup> MOO, Douglas. **Justification in Galatians** in: KÖSTENBERGER, Andreas J. Understanding the Times: New Testament Studies in the 21st Century: Essays in Honor of D. A. Carson on the Occasion of His 65th Birthday. Crossway: Wheaton, Illinois, 2011. p. 200

<sup>99</sup> ἐν νόμῳ

<sup>100</sup> δικαιοῦτα

Uma leitura teológica percebe que na epístola “Esta era” (1: 4), a “era por vir” (5: 21e; 6: 8b), e a inauguração da nova criação em Cristo que forma a tensão do “já” e “ainda não” (4: 4; 6: 15) perfazem a teologia do livro. A vida e o evangelho de Paulo são esculpidos em sua primeira carta como escatologicamente moldados. Com a intrusão da era vindoura, a escatologia não é apenas linear, mas vertical também. A nova criação está acima (4:26) e entra nesta era abaixo através da morte e ressurreição de Cristo. Tomando a nova criação como o centro de sua teologia de Gálatas, vemos que a teologia e o ministério de Paulo são realizados de acordo com as realidades histórico-redentoras, ou seja, as duas eras e a vinda de Cristo que inaugurou a nova criação por sua morte e ressurreição. Esta fé escatologicamente determinada é aquela que protegerá as igrejas do evangelho nomista desta era e exclusão do reino de Deus (1:6-9; 5: 19-21).

A leitura teológica de Paulo não olha apenas para trás, lendo da perspectiva da nova criação ainda não consumada, ele olha para cima. A escatologia de Paulo é vertical e horizontal, porque a era do Espírito invadiu essa era (cf. 3:5,14; 4:29) através da ressurreição de Cristo (1:1,4) e da instauração da nova Criação. Paulo iguala o nascimento segundo promessa (4:23) ao nascimento segundo o Espírito (4:29), mostrando que a promessa pertence ao domínio do Espírito. Aqueles que creem são como Isaque, nascido do Espírito (4:28,31). Sempre que Paulo refere-se ao Espírito, ele tem o significado vertical da escatologia em vista.

O Espírito é a realidade escatológica *per excellence* o qual Deus enviou de cima após a ressurreição de seu Filho (4:6,26), de modo que nossa nova vida é vivida através do Espírito que nos conecta escatologicamente com a nova ordem de Cristo, exteriorizando isso numa vida santa e reta (5:25; 6:8).<sup>101</sup> Tal assunto não pode estar separado da justificação, uma vez que a questão do parágrafo volta-se para o recebimento do Espírito Santo, pontua o teólogo bíblico: “A justificação pela fé e a vida no Espírito, portanto, estão intimamente relacionadas no pensamento de Paulo”.<sup>102</sup>

Voltando para o texto, é possível coadunar com a tese fundamental de

<sup>101</sup> MABLY, Dante Spencer. **Life in the new creation:** The eschatological character of Paul's ministry and theology in galatians. 2007. 133p. Dissertação (Master of Arts in Religion) - Faculty of Reformed Theological Seminary. p. 79

<sup>102</sup> THIELMAN, 2007, p. 562

Douglas Moo: “[...] que *δικαιόω* e *δικαιοσύνη* têm a mesma força semântica nesta carta, denotando o nosso “transporte para” (no caso do verbo), ou “posse” (o substantivo), do direito de estar com Deus”.<sup>103</sup> Paulo usa a frase “pela fé” (*ek pisteōs*) oito vezes na carta, geralmente em conexão direta ou indireta com a linguagem da retidão (direta em 2:16; 3: 8, 11, 24; indireta em 3: 7, 9; veja também 3:12, 22; dois outros textos usam o verbo para fazer o mesmo ponto, 2:16; 3: 6). Em Gálatas, certamente, o verbo e o substantivo se sobrepõem significativamente. Cada ocorrência do substantivo vem em estreita proximidade com o verbo (2:21 com 2:16; 3: 6 com 3: 8; 3:21 com 3:24; 5: 5 com 5: 4), e em cada caso o contexto sugere fortemente que o verbo e o substantivo ocupam o mesmo espaço semântico básico.

Procura-se a diferença de ênfase que há em Gálatas, a fé da qual Paulo fala é de que natureza? A palavra hebraica equivalente em hebraico (*emuná*), naturalmente, inclui as ideias de confiança e fidelidade; e *pistis* em Paulo claramente tem esse sentido por vezes. Mas, atribuir essa fidelidade como ônus da justificação nega a polaridade entre a fé, por um lado, e as “obras da lei” ou “obras”, por outro, incluindo uma oposição colocada por Paulo entre o “acreditar” e o “fazer”. Dessa maneira, a posição de Moo parece ser acertada no caso: “Em Gálatas, a justificação não se refere, portanto, tanto à maneira como se entra em relação com Deus quanto à vindicação de uma pertença a Cristo que já foi alcançada”.<sup>104</sup> Essa pertença é vivida através da fé no tempo presente pelo crente.

Explicando de maneira exegética: “A linguagem da justiça em Gálatas tem uma *qualidade geral e gnômica*. Um ato definitivo de justificação no início da vida cristã é presumido, como o paralelo que Paulo faz entre a experiência de Abraão e os Gálatas deixa claro”.<sup>105</sup> O propósito de expandir o uso da linguagem a fim de generalizá-la encaixa-se perfeitamente com o modo de declarar uma verdade teológica profunda. Como o gramático explica, o segundo tipo de gnômico (além daquele referente à divindade ou natureza) é: “[...] ligeiramente diferente em definição: uso do presente em declarações genéricas para descrever algo que é verdade em qualquer tempo”.<sup>106</sup> Os outros

<sup>103</sup> MOO, 2011, p. 172

<sup>104</sup> MOO, 2011, p. 202

<sup>105</sup> MOO, 2011, p. 202

<sup>106</sup> WALLACE, Daniel B. **Gramática Grega**: Uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009. p. 576

definidores seus são: sujeito e objetos genéricos, bem como, pouca ênfase no tempo, tendo a tendência atemporal.

Deve-se entender, portanto, que a ênfase em Gálatas é na justificação atuando na história da salvação. O ponto em Gálatas é que não se pode nem ser salvo, nem garantir a salvação por meio das obras da lei. A santificação e o agir do Espírito Santo tanto estão na história da salvação, como estão na ordem da salvação. O próprio agir do Espírito também é escatológico garantindo a vindicação final de Deus em relação a sua herança (cf. Ef 1:13-14). A fé é o meio não só de entrar em relacionamento com Deus, mas também de manter esse relacionamento e de confirma-lo no dia do julgamento. Claro que não é a fé em si mesma que tem esse poder; é porque a fé conecta o crente a Cristo, em cuja vindicação (v. 1 Tm 3:16) o crente compartilha.

Ao adentrar no próximo uso neotestamentário, Hebreus 10:37-38, percebe-se que há uma catena de dois versículos, geralmente entendidos como uma confluência de parte Habacuque 2:3-4, e parte de Isaías 26:20. Poderia ser um indício de uma lista primitiva de textos litúrgicos ou catequéticos, em: “Livros Testemunho [...] esses chamados testemunhos, florilegia ou antologias<sup>107</sup> podem ter influenciado o texto convencional da LXX”.<sup>108</sup> Essa não seria uma boa alternativa, pois o contexto das citações é extremamente específico em relação ao argumento de Hebreus. Percebe-se essa construção de catena dupla por todo o livro, sempre ligados a um *motif*. Duas testemunhas elencadas (um modo caracteristicamente judaico) para se estabelecer uma questão interpretativa da fé e das Escrituras. É notado o fato de se haver 14 temas estabelecidos por tais citações. A divisão em 7+7, ou, 6+8, depende do entendimento do intérprete em relação ao clímax retórico da epístola de Hebreus.

Como visto acima, o livro de Hebreus não segue as leituras hebraicas, nem o TM, nem o peshet, especialmente pela primeira parte do versículo que conta com substanciais diferenças (também com o rolo grego dos 12 profetas) em relação às leituras gregas (da LXX). Talvez o que haja de misterioso nesse contexto seja entender como “*sua alma não é reta nele*” foi traduzido como “*se retroceder nele não se compraz a minha alma*”. Em cada tradição tais leituras

<sup>107</sup> Podendo vir na forma de Liturgias, Homilias, e, Midraxes.

<sup>108</sup> Testimony Book. [...] that these so-called testimonia, florilegia, or anthologies may have influenced the mainstream LXX text.

fazem sentido. O vocábulo “*alma*” permanece em ambos. As explicações para a mudança na LXX se dão por meio do contexto histórico intertestamentário no qual os judeus precisavam ser exortados quanto à sua resistência em meio a lutas com os gregos. Nesse caso “*minha alma*” e “*meu justo*” formam o paralelo perfeito para a exortação. No TM temos o paralelo sapiencial de contraste entre dois modos de viver. Não é um tema estranho a tal tipo de literatura a dupla “prazer-desprazer” divino. O injusto é aquele que recua sem fé, esse, em contraste com o próprio profeta Habacuque. Portanto, a proximidade da mensagem pode ser entendida como uma adaptação interpretativa, ou, dinamicidade na tradução.

Pode-se concluir que pelas proximidades com a LXX o autor de Hebreus não estava citando de memória. E pela variedade de assuntos em sua epístola, entende-se que não estava valendo-se de algum *testemonium*<sup>109</sup> da época que já continha catenas de citações agrupadas. Entende-se que estava usando-se do texto de comum conhecimento de judeus helenizados da época, a LXX, podendo ser um texto ou recensão que não tenha sobrevivido até hoje; ou ainda, outro texto grego do AT que tenha se perdido no passar dos séculos.<sup>110</sup> Porém, deve-se levar em conta a erudição do autor em ter tantos textos sob seu domínio, bem como uma técnica argumentativa elevada, levando-nos a entender que também tinha em seu conhecimento o texto hebraico de Habacuque. Logo, a escolha da leitura diferente do TM, provavelmente, foi intencional com vistas na argumentação, especialmente o primeiro cola da citação e a movimentação do pronome “meu”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que rastreia citações e fontes nas Escrituras mostrou-se complexo, porém, iluminador. Pesando todos os pontos hermenêuticos e teológicos em jogo, e ao escolher o texto de Habacuque, notou-se ênfases diferentes em suas ocorrências neotestamentárias. Consequentemente, cada interpretação explicitada aqui mostrou destaques, métodos, e, nichos diferentes. Como abordado no artigo, as generalizações acerca do tema e de

<sup>109</sup> Uma espécie de lecionário.

<sup>110</sup> “To propose a lost version of the Greek OT remains a conjecture—there are no sources pointing to the existence of such a document. At any rate, the text of Hebrews generally holds too close to the extant Greek manuscripts that such a lost version could have been very different to the LXX texts known to us.” (VAN DER BERGH, 2008, p. 368).

passos metodológicos seriam de fundamental importância.

Em termos gerais, os eixos histórico/exegético, teológico/canônico, foram seguidos como horizontes interpretativos. Portanto, a metodologia eclética de Darrel Bock mostrou-se como a abordagem mais adequada. Foram aprofundados os conceitos, unindo à figura da progressividade, uma hermenêutica dos autores bíblicos que atua como complementar, e o conceito de visão periférica. Dessa maneira, a abordagem intertextual usada no presente trabalho considera os horizontes supracitados como que ambi-includentes, entendendo a natureza da Escritura como *encarnacional*. Seguiremos reunindo os aspectos interpretativos pesquisados em cada contexto textual, bem como, elencando *meta-comentários*.

O ponto básico e propósito da teodiceia de Habacuque - sua justificativa profeticamente expressa da justiça de Deus em relação à humanidade – diz respeito a uma questão de preocupação humana universal, a saber, a relação entre bem e mal no mundo, com referência ao passado, presente e futuro. Propõe também uma solução de validade duradoura, isto é, na teofania gloriosa do Salvador que está sempre pronto, disposto e apto a lutar em nome de seu fiel rebanho. O soberano e santo Senhor é um Deus misericordioso, que irá salvar todo aquele que depositar sua confiança nele, se, não nessa vida, certamente, no porvir (Hc 2:4b; 3:2b, 13a).

A pessoa que é considerada justa por Iavé, baseada em sua fé ou firme confiança no “Santo”, vive sua vida neste mundo em conformidade, isto é, caracterizado pela fidelidade às exigências justas de um pacto divino de justiça, e ele acabará por viver em santa comunhão com Deus eterna e unicamente como resultado da salvação completa operada pelo todo-poderoso e misericordioso Senhor Soberano.

Enquanto alguns intérpretes ligam ἐκ πίστεως a δίκαιος - “aquele que é justo pela fé viverá”, outros, seguindo a conexão no texto de Habacuque, preferem anexá-lo a ζήσεται. Entretanto, a vida descrita pela fé é aquela que é possibilitada pela justificação. É a vida na nova era de Cristo. Viver, portanto, é a continuação do ato inicial de justiça vindicada em Cristo e imputada no crente. Tanto a aceitação inicial de tal veredicto é verbalizada pela voz da fé, quanto a vida subsequente (o tempo da santificação), é perpetrada pela fé. Por isso que Paulo sumariza a justiça de Deus revelada no evangelho como sendo “de fé em fé” (Rm 1:17).

O elemento comum a todos os “*tempos*” do evangelho é a fé. Um argumento *a fortiori* com um só elemento: uma multiplicação de argumentos com apenas uma constante. A fé é o elemento divisor entre a realidade divina e humana, permitindo que o homem acesse aquilo que não lhe é possível ver, por isso que na presente era sempre será pela fé, na fé e através da fé. Do começo ao fim o justo vive pela fé nessa era, na esperança daquilo para a qual ela aponta: a consumação; *A fortiori ratione* “o justo viverá pela fé”.

A mensagem implícita para os ouvintes de Habacuque é perseverar, não desistir de Deus em face das dificuldades aparentemente inexplicáveis que eles encontram. Só então eles poderão se juntar ao profeta na alegria de sua canção de encerramento. Hab. 2.4 é citado por Paulo (Rm 1.17; Gl 3.11) para mostrar que a justiça não é alcançada por meio da obediência à lei, mas pela fé; o autor de Hebreus usa a mesma passagem para descrever a atitude apropriada do cristão em relação às provações da vida. Em cada caso, a vida do verdadeiro crente repousa na fé, mas a aplicação da passagem varia. A mensagem, em resumo, é que aqueles que são verdadeiramente cristãos continuarão persistentemente até o fim (vv. 38-39). Isso é justamente viver pela fé diariamente. Aqueles que recuam nunca poderão agradar a Deus.

Entendendo, assim, a revelação como progressiva, os significados que estava na declaração “grávida” de Habacuque são expandidos em significado no NT, especialmente à luz da revelação de Jesus Cristo. Percebeu-se que há progressão no significado lexical, bem como, no significado da própria frase. O modo como a LXX traduziu o TM pode ser, então, o grande problema apresentado aqui. Seria esse o texto mais próximo ao original, ou, o modo como foi interpretado coadunou com as intenções do autor de Hebreus?

O presente estudo sugere que, percebida a dificuldade em se decidir o texto original usado (contando com o fato que possa haver existido um outro *Vorlage*), a preferência por um texto próximo à Septuaginta indica o fato de que essa interpretou o texto da maneira como, inspirado pelo Espírito Santo, o autor da epístola desejava aplicar a seus ouvintes. Embora o contexto original seja geralmente reconhecido como um tipo de Teodicéia<sup>111</sup> e o contexto neotestamentário refira-se à perseverança, assume-se que não houve uma extrapolação, afinal: onde, senão em meio ao sofrimento, a perseverança seria

<sup>111</sup> Possível explicação para a relação de Deus como o sofrimento.



mais necessária?

Dentro da progressividade abordada como princípio na interpretação do Uso do Antigo no Novo, percebe-se que conceituação como “tipologia” e “cânion mais amplo” fazem sentido, porém, com restrições. Certos eventos e personagens ganham mais significação a medida que a história da redenção progride nas páginas da Escritura, entretanto, isso, por si mesmo, não pode formar um método hermenêutico, nem mesmo que seja “Cristológico”, correndo o risco de criar-se um cânion dentro do cânion, e forçando uma interpretação para dentro do sistema.

Assim sendo, o significado original no AT encontra referentes diferentes no NT, considerando a visão periférica dos autores, bem como, o avançar dos significados pretendidos para entendimento do povo de Deus. Por isso que o conceito de “declarações grávidas” supracitado, mostra-se como aquele cuja metáfora mais se aproxima da realidade. Tal ilustração, de igual modo, foi abordada por Douglas Moo:<sup>112</sup> “[...], mas ao significado do texto mesmo que toma uma significância maior à medida que o plano de Deus se desenrola – um ‘*sensus preagnans*’.” A conclusão é que as potencialidades do discurso vão sendo desvendadas por meio da ação do Espírito Santo através da inspiração e iluminação.

## REFERÊNCIAS

BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: Exegese e interpretação.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

\_\_\_\_\_. **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs.) **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

BERDING, Kenneth (ed). **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament.** Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2008.

<sup>112</sup> MOO, Douglas. **Exegese, Hermenêutica e Teologia do Novo Testamento.** Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2018. p. 249 grifo do autor.

BOCK, Darrell L. Evangelicals and the Use of the Old Testament in the New. **Bibliotheca Sacra**. Dallas, v. 142, p. 209-23, Julho 1985.

\_\_\_\_\_. Evangelicals and the Use of the Old Testament in the New: Part 2. **Bibliotheca Sacra**. Dallas, v. 142, p. 302-19, Outubro 1985.

BOCK, Darrel L. Single Meaning, Multiple Contexts and Referents. In: BERDING, Kenneth (ed). **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2008.

GAEBELEIN, Frank E. **The expositor's Bible** Commentary: Volume 7. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1985.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução dos alunos de Pós-graduação em estudos literários – POSLIT – da FALE/UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. 48 p. Título original: Palimpsestes, La littérature au second degré.

KAISER, Walter C., Jr. Single Meaning, Unified Referents. In: BERDING, Kenneth (ed). **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2012.

KOPTAK, Paul E. Intertextuality. In: VANHOOZER, Kevin J. (general editor). **Dictionary for theological interpretation of the Bible**. Grand Rapids, MI: Baker, 2005.

KÖSTENBERGER, Andreas J. & PATTERSON, Richard D. **Convite a interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LLEWELYN, Stephen. A case for two vorlagen behind the Habakkuk Commentary (1qphab). In: **Keter shem tov**: collected essays on the Dead Sea scrolls in memory of Alan Crown. edited by Shani Tzoref, Ian Young.

(Perspectives on Hebrew scriptures and its contexts). Piscataway, NJ: Gorgias Press, 2013.

LONGENECKER, Richard N. **Biblical exegesis in the apostolic period**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999.

LUNDE, Jonathan. Introducion. In: BERDING, Kenneth (ed). **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2008.

MABLY, Dante Spencer. **Life in the new creation: The eschatological character of Paul's ministry and theology in galatians**. 2007. 133p. Dissertação (Master of Arts in Religion) - Faculty of Reformed Theological Seminary

MENKEN, MAARTEN J. J.; MOYISE, Steve. (eds.) **The minor prophets in the new testament**. New York, NY: T&T Clark, 2009.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Texto, Crítica, Escritura**. São Paulo: Ática, 1978.

MOO, Douglas. The problem of sensus plenior. In: CARSON, D. A.; WOODBRIDGE, John D. **Hermeneutics, Authority, and Canon**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1986.

MOO, Douglas J. **The epistle to the Romans** (The new international commentary on the New Testament). Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1996.

\_\_\_\_\_. **Justification in Galatians** in: KÖSTENBERGER, Andreas J. Understanding the Times: New Testament Studies in the 21st Century: Essays in Honor of D. A. Carson on the Occasion of His 65<sup>th</sup> Birthday. Crossway: Wheaton, Illinois, 2011.

\_\_\_\_\_. **Exegese, Hermenêutica e Teologia do Novo Testamento**. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2018.

PORTER, Stanley E. The Use of the Old Testament in the New Testament: a brief comment on method and terminology. In: EVANS, Craig A; SANDERS, James A. (eds.). **Early Christian Interpretation on the Scriptures of Israel: investigations and proposals**. England: Sheffield Academic Press, 1997.

ROBERTSON, O. Palmer. **Comentários do Antigo Testamento: Naum, Habacuque e Sofonias**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

STEYN, Gert J. **A Quest for the Assumed LXX Vorlage of the Explicit Quotations in Hebrews**. 2009. 495 p. Dissertation (Degree of Doctor Litterarum) - Stellenbosch University.

STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2009.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

THOMAS, Robert L. The New Testament use of the Old Testament. **TMSJ**. 13/1, pp. 79-98, spring 2002.

VLACH, Michael J. **How does the New Testament Use the Old Testament: a survey of the major Views**. California, LA: Theological Studies Press, 2017.

WALLACE, Daniel B. **Gramática Grega: Uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.

WALTKE, Bruce K. Promessas do reino e os Testamentos. In: FEINBERG, John S. **Continuidade e descontinuidade: perspectivas sobre o relacionamento entre o Antigo Testamento e o Novo Testamentos: ensaios em homenagem a S. Lewis Johnson Jr**. São Paulo: Hagnos, 2013.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional